*Religare*, ISSN: 19826605, v.12, n.2, dezembro de 2014, p.370-377.

# Resenha

GNERRE, Maria Lúcia Abaurre; POSSEBON, Fabrício (orgs.). *China Antiga: aproximações religiosas.* São Paulo: Fonte Editorial, 2015. 134p

*Matheus Oliva da Costa*[1]

## Apresentação: editora, autores e a Ciência da(s) Religião(ões)

No Brasil, no meio do ano 2015, relativo ao ano chinês da Cabra de Metal 羊金年 Yangjin nian, foi publicado o livro *China Antiga: aproximações religiosas*. O livro que aqui resenhamos é uma interessante contribuição acadêmica ao campo dos estudos sobre China – sinologia – em língua portuguesa.

A editora Fonte Editorial lançou recentemente a *Coleção Religiões Orientais*, se destacando no mercado editorial especializado em religião desde seu lançamento em 2013. Até o momento, a maioria dos livros sobre tradições asiáticas que foram escritos ou traduzidos no Brasil estavam dispersos em lançamento esporádicos e avulsos – e continuam, em grande medida. Dessa forma, uma coleção especializada em religiões asiáticas, e escrita por brasileiros, é algo de muito valor e concentra as obras deste tema. As obras dessa coleção tem predomínio do tema Budismo, tendo também um livro sobre Igreja Messiânica (Johrei), e, agora, a obra dessa resenha que abrange vários textos sobre cultura, religiões, literatura, pensamento e medicina da cultura chinesa.

Vejamos um panorama sobre os autores. Começando por seus organizadores, vê-se algo interessante: ambos são professores do departamento de Ciências das Religiões da UFPB, mas com formações distintas. Maria Lucia Gnerre é graduada, mestre e doutora em História pela UNICAMP, e, mais recentemente, se tornou pós-doutora em Ciência da Religião pela UFJF. Já Fabricio Possebon tem formação em Letras – português e grego – pela USP e

[1] Matheus Oliva da Costa é graduado (UNIMONTES), mestre e doutorando (PUC-SP) em Ciência da Religião.

UFPB. O livro foi prefaciado pelo professor Joaquim Monteiro, que tem formação em Estudos Budistas pela Universidade de Komazawa no Japão, e recentemente também entrou para o quadro de professores da Ciências das Religiões na UFPB.

Além dos organizadores, que também escreveram capítulos, há a participação de muitos/as outros/as pesquisadores. Deyve Redyson tem formação em Filosofia, com doutorado na Universidade de Oslo na Noruega, e atualmente é professor de Ciências das Religiões na UFPB. Também professor no mesmo curso, Matheus Zica é formado na área de História e doutor em Educação pela UFMG. Já Marcelo Santos um mestrando deste mesmo curso, e graduado em Filosofia, tudo nesta mesma universidade. Mestra em Ciências das Religiões também na UFPB, Silvia Leite é também medica pela Universidade São Francisco em São Paulo. Lenilde de Sá, apesar do vínculo com a UFPB como ex-aluna e atual professora, tem formação em Enfermagem. Como contribuições externas à UFPB há: Matheus Costa, cientista da religião com graduação pela UNIMONTES e mestrado pela PUC-SP; e Monica Simas, com formação na área de Letras/Literatura e atualmente docente da USP na mesma área.

Como pode ser notado, oito, dos dez autores, tem ligação com a Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Destes oito, cinco são professores do departamento de Ciências das Religiões, dois são alunos/as ou ex-aluno/a do mesmo departamento, e somente uma é de outro campo do saber (Enfermagem). Todos, sobretudo os professores citados, tem formações variadas, que não sejam da Ciência(s) da(s) Religião(ões). Temos, ainda, outro cientista da religião, dessa vez, de formação (graduação e mestrado). Assim, seja por filiação institucional, seja por formação acadêmica, são, em sua maioria, cientistas da religião.

O fato da grande maioria dos autores estarem ligados à Ciência da Religião de alguma forma confirma que é exatamente essa disciplina acadêmica

que, historicamente, tem voltado atenção para o estudo das culturas chinesas. Da mesma forma, revela que a Ciência da Religião brasileira começa a mirar o estudo no mesmo tipo de tema das suas origens: as religiões da Ásia. E com uma vantagem sobre os pioneiros do século XIX: os escritos sobre China feitos por brasileiros neste livro buscam fugir o máximo possível de estereótipos orientalistas/colonialistas, além de considerar a cultura chinesa de um modo mais respeitoso e não hierárquico. É, em certa medida, uma superação da postura dos primeiros cientistas da religião que estavam num contexto histórico colonial de dominação política, econômica e social de impérios europeus sobre nações asiáticas, africanas e da Oceania.[2]

## Sobre os capítulos: o conteúdo da obra

Sendo uma obra contendo capítulos escritos por vários autores, vamos pontuar brevemente a contribuição de cada capítulo em dois sentidos: (1) para o tema específico que buscaram contribuir; e (2) para o campo de estudos sobre tradições asiáticas no Brasil e demais países lusófonos. Vamos apresentar os capítulos numa ordem temática.

Primeiro, o eixo filosófico e histórico. Em *Filosofia e religião no pensamento de Confúcio*, de Redyson, a maior contribuição ao assunto trabalhado foi comparar dois dos principais tradutores dessa tradição para línguas latinas (Legge e Guerra). Para esse tema, no Brasil, seu ponto forte é conseguir reunir de forma crítica algumas das principais recepções em alemão e em português do pensamento confuciano. Recomendamos este capítulo, junto com outro texto escrito por Bueno (2014), para cursos de história e pensamento da escola de pensamento iniciada Confúcio (儒家 Rujia) e sua presença no Brasil. Já Gnerre, em seu *O silêncio da palavra Zen*, apresenta discussões sobre o processo histórico

[2] KING, Richard. Orientalism and the study of religions. In: HINNELLS, John R. (ed.). *The Routledge companion to the Study of Religion*. Londres e New York: Routledge, 2005, pp. 275-290.

cultural de surgimento do Budismo chinês 禅 Chan. Para o Brasil, sua maior contribuição é contextualizar historicamente o Budismo chinês, ajudando na compreensão brasileira do tema.

O segundo eixo é o que faz uso crítico do pensamento chinês antigo. *Dao: uma aproximação pela sabedoria,* de Santos, propõe uma via de interpretação inovadora: estudar noções daoistas através do olhar da *metafísica do belo* de Schopenhauer numa interpretação livre. Para o Brasil, destaca a aposta que este faz no pensamento chinês antigo que fala sobre o 道 Dao como forma de *ver* a vida e de crítica à atual tradição acadêmica. Zica, em *O Dao no século XXI: aspirações educativas em diálogo*, também apresenta uma aposta no pensamento chinês antigo, dessa vez, especificamente em 老子 Laozi. A contribuição mais geral foi a articulação das ideias de Laozi com pensadores das ciências humanas modernas, mostrando o potencial do encontro de ambas as fontes para repensar modelos atuais. Já, para o Brasil, há a apresentação da sua interpretação de Laozi como crítica aos modelos de sociedade e de educação católicas predominantes ainda hoje.

Outro eixo temático encontrado é ligado à tradução e interpretação. Em *A jornada mítica do Herói How-Tseih*, Possebon contribui com uma síntese de traduções do 诗经 Shijing, *Livro da Poesia*, a partir do original em chinês e de versões acadêmicas em inglês, francês e português. De maneira inédita em uma publicação acadêmica brasileira, interpretou numa perspectiva eliadiana um trecho do Shijing. Já Simas, em *A poesia do Yijing (I Ching), na transcriação de Fernanda Dias*, apresenta a contribuição geral de uma visão simultaneamente interna (participante da tradição) e acadêmica (da área da Literatura) sobre o Clássico das Mutações, 易经 Yijing, tendo uma visão ampliada por esses dois lados. Para o Brasil, seu texto faz um balanço poético e acadêmico de três traduções diretas desse clássico da China antiga ao português, com ênfase na tradução de Fernanda Dias.

A característica do quarto eixo é a preocupação com a expressão de tradições chinesas antigas no contexto brasileiro. Em *O Daodejing como veículo de divulgação do Daoismo no Brasil*, Costa tem como contribuição geral justamente o fato de analisar a presença de linhagens daoistas no Brasil empiricamente, algo ainda pouco estudado mesmo mundialmente, através do uso religioso de um livro antigo atribuído a essa tradição, o 道德经 Daode jing. Quanto a este tema no Brasil, o mais relevante é o uso de referencias atualizadas e acadêmicas sobre o Daoismo histórico. Por fim, em *Um breve olhar sobre a medicina tradicional chinesa*, de Leite e Sá, fornecem uma visão conciliadora entre a visão da medicina tradicional chinesa (MTC) e possibilidades de aplicação em contextos atuais da saúde pública brasileira. Para o estudo deste tema em português, sua contribuição está nas sistematizações, visão ampla e uso de referencias de várias línguas (chinês, espanhol, inglês e português) para auxiliar na compreensão da racionalidade medica própria da MTC.

## Balanço crítico e recomendações

Após este olhar geral sobre a obra, é preciso realizar um balanço crítico, ressaltando os pontos positivos e negativos mais gerais. Como um todo, o livro apresenta, ainda, um caráter introdutório, confirmando que a *sinologia* ou mesmo o campo de estudo das religiões chinesas no Brasil ainda está engatinhando. Porém, já começa a se aprofundar em temas específicos que livros propriamente introdutórios não entram. Por exemplo, sobre a cosmovisão da MTC, a recepção de tradições religiosas chinesas por atores sociais brasileiros, e interpretações do simbolismo de histórias antigas da China. Está, então, num meio termo entre introdução e começo de aprofundamentos. O desafio que temos aqui, no Brasil, e na lusofonia em geral, é justamente, ter mais coragem e dedicação para continuar a aprofundar nestes estudos.

Mostramos as múltiplas contribuições de cada capítulo, mas é preciso mostrar algumas inconsistências que devem buscar ser superadas em próximos trabalhos sobre estes temas. A (1) pouca maestria com a língua chinesa escrita ( 中文 Zhongwen) é revelada pela multiplicidade ou falta de unidade de formas de transliteração de ideogramas para palavras romanizadas. Muitas vezes é usado o modelo 拼音 pinyin, mais apropriado para uso acadêmico e internacionalmente aceito, além de ter sido criado pelos próprios chineses, mas ainda temos transliterações do sistema Wide-Giles sem uso padronizado, e outros usos de fonéticas (como a palavra "Tseih"). A solução é, obviamente, aprender a língua chinesa. Um estudo básico da fonética pinyin, ou até mesmo a padronização feita por um profissional, poderia ajudar também. Uma solução gratuita, na falta de domínio da língua e na falta de verba para pesquisas, é pesquisar em sites pelos ideogramas e fonética pinyin dos mesmos.

Há algumas questões teóricas também. (2) De oito textos, cinco utilizam a obra *Historia do pensamento chinês* de Anne Cheng. Por um lado, isso mostra base comum nas leituras e uma ótima referência também comum. Por outro também revela que, em português, temos pouquíssimas opções de livros confiáveis, originais e acadêmicos sobre história e pensamento chinês, e nós brasileiros pouco temos escrito para mudar este quadro. Ainda sobre uso de autores, (3) sendo um livro da Ciência da(s) Religião(ões), é observável o predomínio do paradigma ou programa eliadiano – referente às ideias e obras de M. Eliade. O programa eliadiano[3] há décadas é altamente criticado e está em desuso na Ciência da Religião mundial, mas, aparentemente, ainda é muito aceito no Brasil. Mas é importante lembrar: Eliade e sua obra, em si, não são o problema exato; o problema é a falta de autocrítica no uso das teorias desse autor, podendo gerar visões criptológicas.

[3] CRUZ, Eduardo R. *Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião*. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, pp. 37-49.

E alguns questionamentos também surgiram durante a leitura. Em quase todo o livro a dualidade entre supostos "ocidente" e "oriente" estão presentes implicitamente, e sempre vendo "nós" (brasileiros) como "ocidentais" (sem definir do que se trata). Fica a dúvida: nós, brasileiros, somos "ocidentais"? Não teríamos, nós, brasileiros, também sofrido o processo de colonização assim como asiáticos por nações europeias? Afinal, qual é a utilidade prática dessa separação estereotipada (ocidente X oriente)? Tal distinção é *real* ou uma *representação de origem colonial*? Ao invés de insistir nessas divisões, não seria melhor relacionar e comparar a(s) cultura(s) brasileira(s) e chinesa(s) de modo mais direto, sem o intermédio da Europa ou EUA em nossas análises? Deixo aqui essas provocações descoloniais a serem pensadas para o estudo científico das religiões[4].

Feito elogios e críticas, finalizamos essa resenha crítica com recomendações. Este livro é especialmente útil para quem busca estudar empiricamente e/ou historicamente religiões e tradições de pensamento (filosofia) surgidas na China. Aqui temos exemplos de estudos via muitas áreas: Ciência da Religião, Educação, Filosofia, História, Literatura e Saúde, o que significa que o/a leitor/a tem em mãos uma obra com rica interdisciplinaridade. Dessa forma, por tudo dito anteriormente, *China Antiga: aproximações religiosas* é um livro útil tanto a quem busca uma introdução, como para quem procura aprofundamentos nos estudos sobre culturas chinesas em língua portuguesa.

## Referencias

BUENO, André. **Confúcio no Brasil: um problema literário e epistemológico**. In: BUENO, A.; SKREPETZ, I.; MOREIRA, C.; ESTACHESKI, D.. (Org.). Imagens da América Latina. União da Vitória: Edições Guari, 2014, pp. 112-128.

CRUZ, Eduardo R. **Estatuto Epistemológico da Ciência da Religião**. In: PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2013, pp. 37-49.

[4] KING, Richard. Op.cit.

KING, Richard. **Orientalism and the study of religions**. In: HINNELLS, John R. (ed.). The Routledge companion to the Study of Religion. Londres e New York: Routledge, 2005, pp. 275-290.